

A AMIZADE EQUITATIVA E INDIVISÍVEL EM MONTAIGNE

Nelson Maria Brechó da Silva*

RESUMO

Este artigo mostra o conceito da amizade nos *Ensaio*s de Montaigne. Além disso, estudamos suas principais fontes. A amizade significa um amor equitativo, em outras palavras, justo e igual. Discutimos os seguintes aspectos: a amizade como equidade e estima; o seu desenvolvimento; e sua indivisibilidade. Assim, ela indica uma entrega total ao outro, no desejo da perfeita amizade através da fusão e indivisibilidade das almas.

PALAVRAS-CHAVE: Montaigne; amizade; equidade; indivisível.

ABSTRACT

This article shows the concept of friendship in Montaigne's *Essays*. Moreover we study his main sources. Friendship means an equitable love, in other words, just and equal. We discuss the following aspects: friendship as equity and esteem; its development; and its indivisibility. Thus it indicates a total surrender to the other, in the desire of the perfect friendship through fusion and indivisibility of the souls.

KEYWORDS: Montaigne; friendship; equity; indivisibility.

Introdução

Montaigne, ao falar da amizade com equidade, recorre ao termo latino *aequitas*, que compreende as virtudes da justiça e da igualdade. A partir desse pressuposto, o autor chega ao conceito da amizade indivisível para apontar a união das vontades, bem como a distinção para com as amizades corriqueiras e opacas, que acentuam o bem particular ou privado, o utilitarismo e o bem familiar.

Para tanto, o autor alude o pensamento de Aristóteles, especialmente da obra *Ética a Nicômaco* para fundamentar a noção de equidade. Vale lembrar que, segundo Aristóteles (Cf. ARISTÓTELES, 2007, p. 151-152 [1940, V, 3, p. 207]. Entre colchetes o texto grego), o *dikaion*, justo, é definido como o *isos*, igual, isto é, uma posição que recomenda a si mesma a todos sem necessidade de evidência. Haja vista que o igual é uma mediania, de modo que o justo também é uma espécie de mediania.

Quando se conjuga a igualdade com a justiça, acontece a amizade equitativa. Uma amizade fruto da reciprocidade dos amigos, pois tem em vista a porção de igualdade que seja igual tanto para um quanto para outro. Caso contrário, se for desigual, gera os conflitos. Dessa maneira, esta reflexão aristotélica é contemporânea a Montaigne, de maneira que se apoia na noção de *téleia philia* para que ocorra segundo

* Mestre em Ética e Filosofia Política pela UNESP/ FFC – Marília.

Sérgio Cardoso, uma “decifração laboriosa da aliança que unira [Montaigne] a La Boétie” (CARDOSO, 1987, p. 187).

Montaigne privilegia a amizade que seja virtuosa. Tal concepção lembra o pensamento de Plutarco, o qual menciona que o homem virtuoso é aquele que segue conforme a natureza, a razão e o costume. Acrescenta-se, inclusive, Cícero, que mostra a cautela e a circunspeção como dados imprescindíveis à escolha do amigo, sem se esquecer de caminhar prudentemente.

Por essa razão, Montaigne chega à noção da amizade indivisível, porque, uma vez que a porção da igualdade seja recíproca, não se pode dividi-la. Acrescenta-se, inclusive, que a reciprocidade se alia ao sentimento de entrega ao outro. Logo, a amizade indivisível é uma entrega, a saber, uma doação movida pelo desejo de se unir ao outro a fim de compartilhar as experiências e valores. Assim, elencam-se os seguintes apontamentos a serem discutidos: primeiro, a amizade - equidade e estima; segundo, o desenvolvimento da amizade; terceiro, a indivisibilidade da amizade.

1. A amizade - equidade e estima

Montaigne reforça a sua afirmação em referência à amizade com equidade e estima: “Volto à minha [descrição] que diz respeito a uma amizade mais [equitativa] e estimável” (MONTAIGNE; I, 28, 1946, p. 68 [1984, p. 94] Entre colchetes o texto francês). Constatam-se que o pensador utiliza a expressão “minha descrição” a fim de expressar aquilo que sente é no ato de descrever sobre si mesmo. Descrever indica o exercício constante de refletir o que ainda resta no seu interior.

Agora, quanto à equidade, surge a seguinte questão: o que Montaigne deseja, de fato, dizer ao conceito equidade vinculado à amizade? Equidade, conforme se vê na introdução deste capítulo, provém do grego *isótes*, que é a disposição de reconhecer igualmente o direito de cada um, de modo a garantir uma atitude livre e justa perante o outro. Por essa razão, pode-se denominar tal disposição também como “natural”, porque quando há uma amizade, a relação é espontânea devido ao reconhecimento que cada um tem para com o outro.

Além disso, nota-se que o autor apresenta a palavra “estima”, que sugere sentimento de importância, do valor e do apreço relacionados à amizade. À medida que esses sentimentos permeiam as relações humanas, descobre-se o quanto o outro é importante e tem profundo valor para a amizade. Aliás, os sentimentos citados

humanizam a pessoa para assegurar a sua identidade de cidadão livre e não oprimido por um poder tirânico.

Desse modo, segundo Montaigne, na seção em que ele trata *Da educação das crianças*, situada no primeiro volume, “o verdadeiro espelho de nosso pensamento é a maneira de vivermos” (MONTAIGNE; I, 26, 1984, p. 85). Viver é se colocar numa experiência de amizade, que consiste na descoberta da consciência e da humanidade do próprio “eu”. Por isso, a metáfora do espelho daquilo que o homem é consiste na sua própria vida. Os atos demonstram o espelho que o homem carrega, de maneira que o amigo é capaz de enxergar melhor esse espelho para ajudar a decifrá-lo.

Conforme Montaigne, a amizade virtuosa colabora na descoberta de si mesmo. O autor lembra o pensamento de Plutarco (Cf. LA BOÉTIE, 1999, p. 233, nota 44), que aponta três coisas essenciais para que a virtude seja perfeita: a natureza, a instrução e o hábito. Com isso, é preciso na agricultura um bom solo, um hábil cultivador e sementes bem escolhidas. Na educação, a natureza é o solo; o mestre, o cultivador; os preceitos são as sementes.

Montaigne cita a insigne mensagem de Cícero, de modo a traçar um paralelo entre a amizade e o conceito da maturidade: “A amizade atinge sua irradiação total na maturidade da idade e do espírito” (CICÉRON, *De amicitia*, XX apud MONTAIGNE; I, 28, 1946, p. 68 [1984, p. 94]). A irradiação indica que a amizade propaga, difunde, lança de si e emite raios afetuosos, que permitem com que amadureça a afeição. A maturidade é uma conquista de uma longa experiência de encontros amigáveis. Encontros estes marcados pelos diversos sentimentos que acontecem durante a vida, tais como alegria e tristeza. A somatória deles faz com que seja ainda mais pleno o sentido amizade, porque se trata de uma amizade essencialmente madura. A maturidade, então, ocorre com a longa duração da amizade, representa o estado em que há madureza e o amadurecimento. A idade e também o espírito maduro são salutares, a fim de que garantam a irradiação total da amizade, bem como a humanização dos indivíduos que a constituem.

Segundo Montaigne, nas ligações de amizade intervém uma força inexplicável e fatal, que é impossível defini-la: “E mais do que poderia dizer, de uma maneira geral e no caso com apreço, intervém em ligações dessa natureza uma força inexplicável e fatal que eu não saberia definir” (MONTAIGNE; I, 28, 1946, pp. 68-69 [1984, p. 94]). O termo “ligação” designa o estado de pôr em comunicação, como também o relacionamento entre amigos, a associação, o unir e o vincular. A falta de definição e de

explicação da amizade ocorre, pois a amizade é o sentimento mais perfeito que pode existir nas relações humanas. Não há palavras que possam esgotar o valor da amizade. No caso de Montaigne, a amizade é uma experiência e não simplesmente um conceito literário a ser analisado. Uma experiência que marca o restante de sua vida.

O autor, para não repetir o conceito “amizade”, usa “natureza” para expressar a amizade como espécie ou qualidade do homem. Haja vista a força inexplicável que opera nessa afeição, uma vez que as almas se estreitam, de sorte que desenvolve o afeto recíproco. Além disso, a força é fatal, pois indica uma ação inevitável e funesta, na qual o indivíduo se entrega ao outro. Essa ação não pode ser definida, visto que ultrapassa os trâmites da razão. Por esse motivo, tal ação provavelmente só pode ser vivenciada pelo homem.

Quando Montaigne se refere ao amigo La Boétie, afirma que ele e seu amigo se procuravam antes mesmo de se terem visto, de modo que nascia neles uma afeição. E mais: uma amizade desproporcional àquilo que é relatado. Assim, ele compara a afeição por seu amigo com um decreto de Providência: “Nós nos procurávamos antes de nos termos visto, e nascia em nós uma afeição em verdade fora de proporções com o que nos era relatado, no que vejo como que um decreto da Providência” (MONTAIGNE; I, 28, 1946, p. 69 [1984, p. 94]).

A afeição desproporcional quer dizer uma falta de proporção, a saber, um descomedimento. Para Leonel Ribeiro dos Santos, entra em jogo a reflúcia para o sujeito submerso num universo inseguro e inconstante: “a reflúcia para o sujeito, para a subjectividade consciente de si, para o eu próprio, não tanto para o celebrar ou exaltar, mas para o manter como uma instância firme de vigilância e de julgamento, num universo de realidades e de representações onde tudo se tornou inseguro e inconstante” (SANTOS, 2007, p. 92).

Acredita-se que a acentuação em torno da subjetividade vai mais longe ainda do que Santos aponta. Nota-se que essa subjetividade é marcada pelo exercício constante de debruçar-se sobre si mesmo em busca de sua humanidade. Assim, o homem toma ainda mais a consciência do quanto ele é humano, uma descoberta que não se encerra, mas que desperta o desejo de nunca parar. Essa descoberta ocorre num universo inseguro, porque não se tem a certeza das coisas e estas passam rapidamente. Por isso, há uma luta contra o tempo para expressar nos livros as experiências mais tocantes durante a vida.

Com efeito, a amizade é uma afeição incomensurável, porque ela é a maior

afeição a que o homem pode aspirar. O decreto da Providência se equipara à amizade à medida que considera as disposições ou medidas próprias para alcançar um fim, no caso, o nascimento desproporcional da afeição. Pode-se afirmar ainda que a providência corresponde a um acontecimento feliz.

Montaigne e La Boétie se abraçam pelo nome, porque suas ideias combinam-se, de maneira que permitem o nascimento da amizade. A troca de ideias gera um sentimento de proximidade e de estreiteza mútua, antes mesmo de eles se conhecerem fisicamente. A comunhão de pensamentos desabrocha a afeição. Ora, esse sentimento favorece a intimidade entre eles, que expressa cordialidade e afetuosidade, dados indispensáveis à amizade. Algo que não é comum entre os homens de sua época. A amizade tem, com isso, a dimensão da sociabilização, uma vez que abraçar é tomar a consciência de que o homem é um ser social.

Abraçávamo-nos pelos nossos nomes e em nosso primeiro encontro casual em Bordéus, por ocasião de uma festa pública e em numerosa companhia, sentimo-nos tão atraídos um pelo outro, já tão próximos, já tão íntimos que desde então não se viram outros tão íntimos como nós (MONTAIGNE; I, 28, 1946, p. 69 [1984, p. 94]).

O pensador explana que seu amigo redige uma sátira, cujo tema considera a amizade, ao passo que descreve como ela se desenvolve ligeiramente, a tal ponto de atingir o grau de perfeição. Nesse sentido, a amizade é a afeição mais perfeita. No entanto, apesar de ela durar pouco entre Montaigne e La Boétie, ambos não perdem o tempo, porque aproveitam cada instante como se fosse único, de modo a estreitar o laço afetivo. Disso decorre que eles não tomam como protótipo as amizades banais e moles, porque são fúteis e transitórias. Talvez, essas amizades, embora o autor não afirme, contêm elementos da tirania: a desigualdade e a injustiça. Vale dizer que a frequência dessas amizades são de menos intensidade do que a da amizade *philia*. A frequência delas é marcada pelo sentimento imediato e utilitário.

La Boétie escreveu em latim uma sátira que se publicou, na qual justifica e explica como nossa amizade tão repentina alcançou tão rapidamente esse grau de perfeição. Devia durar tão pouco, formara-se tão tarde (éramos ambos homens feitos e ele um pouco mais velho do que eu) que não havia tempo a perder e não podia essa amizade tomar por modelo outras amizades banais e moles que são necessariamente precedidas de frequência mais ou menos prolongada (MONTAIGNE; I, 28, 1946, p. 69 [1984, p. 94]).

Montaigne realça o impulso simultâneo na amizade. Para ele, ser amigo de La Boétie faz com que essa amizade seja caracterizada como única no gênero, ou seja,

dentro do agrupamento das virtudes, sua amizade se mostra como original nesse estilo. Eles foram atraídos totalmente por uma força da qual não se conhecem os meios.

O que se pode explicitar é que a amizade se apodera ou apossa as vontades dos dois, de sorte que os impele a um impulso simultâneo, do qual rompem os limites da razão, porque mexem com a subjetividade, concedem um sabor irresistível; talvez pela comunhão de ideias e pelo diálogo, até se fundir, em outras palavras, fundir, unir e incorporar-se numa coisa só, sem perder a individualidade.

A nossa foi única no gênero e deve-se tão-somente a si própria. Não ocorreu em consequência de um fato específico, ou de dois, de três ou de mil; a ela fomos levados por não sei que atração total, a qual em se assenhoreando de nossas vontades as impeliu a um impulso simultâneo e irresistível de se perderem uma na outra, de se fundirem em uma só (MONTAIGNE; I, 28, 1946, p. 69 [1984, p. 94]).

A afeição se dá de tal forma que leva Montaigne a se perder em La Boétie. Perder significa que não há mais nada que seja privado, pois, agora, as almas deles foram associadas uma na outra. Aquilo que antes da amizade era pessoal, agora passa a ser também do amigo e vice-versa: tudo é em perfeita comunhão. Aqui se vê outro elemento da amizade: a comunhão, visto que não existem coisas particulares: “E digo ‘perderem-se’ porque na verdade essa associação de nossas almas se efetuou sem reserva de espécie alguma; nada tínhamos mais que nos pertencesse pessoalmente, que fosse dele ou meu” (MONTAIGNE; I, 28, 1946, p. 69 [1984, p. 94]).

Frente aos dados expostos, constata-se que a amizade agrega a equidade e estima, desde que a considere uma afeição espontânea, que tem como objetivo a reciprocidade na elaboração dos direitos, bem como da sua execução. Ela exalta inclusive a importância do outro, uma vez que denota a estima como apreço a alguém que seja querido.

Assim, a plena realização dela acontece no auge da maturidade em que o conhecimento recíproco, adquirido por meio da descrição que um faz ao outro mediante as regras estabelecidas, atinge a sua irradiação total. Percebe-se também que a amizade é desproporcional, pois habita no seu interior uma força inexplicável. Não se sabem os meios que a impulsionam, mas o que se pode dizer é que ela apodera as vontades, de modo a uni-las e perder a noção daquilo que seja privado. Ganham-se, com isso, a comunhão e a fusão das almas. Contudo, não se perde a individualidade, porque o olhar do outro aponta aquilo que o homem é.

2. O desenvolvimento da amizade

Montaigne faz referência à condenação de Tibério Graco, 163 a 132 a.C., político romano, e, especialmente, de seu amigo íntimo: Caio Blóssio. Conforme Birchall, a amizade entre Tibério e Caio tem algo em comum: “a plena identificação dos amigos. Tudo aqui se decide numa dimensão rigorosamente ‘misteriosa’ na confluência do que há de mais oculto e interior: o reino das intenções. Este exemplo é utilizado por Montaigne para falar da mesma identificação vivida entre ele próprio e La Boétie, espelhando-se assim no ideal antigo” (BIRCHALL, 2000, pp. 288-289). A identificação possibilita a humanização, porque, quando se faz uma amizade, mais o homem toma consciência de que ele é humano.

Lélio, para testar a fidelidade da amizade entre Graco e Blóssio, pergunta ao último até que ponto obedece às solicitações de Graco. Blóssio, por sua vez, afirma com a expressão “até o fim” e não teme ofender os cônsules romanos. Ele demonstra com ousadia a sua amizade por Graco e indica, inclusive, a obediência à palavra que o amigo lhe propõe. Uma obediência que releva a sua fidelidade e transparência em não deixar que os outros tentem destruir o laço de amizade constituído com Graco. É importante dizer que obediência significa estar sujeito à vontade de outrem, cumprir e executar o bem.

Quando, após a condenação de Tibério Graco, em presença dos cônsules romanos que intentavam processo contra os que o haviam acompanhado, perguntou Lélio a Caio Blóssio, o mais íntimo amigo do condenado, até que ponto teria acedido às solicitações de Graco, respondeu-lhe Blóssio: - “Até o fim.” - “Como até o fim? E se houvesse mandado incendiar os templos?” - “Jamais o houvera feito.” - “Mas se o fizesse?” - “Eu obedeceria.” Amigo de Graco em toda a força do termo, como no-lo dizem os historiadores, não temia ofender os cônsules com uma resposta tão ousada e não queria que pensassem não ter ele absoluta certeza da vontade de seu amigo (MONTAIGNE; I, 28, 1946, pp. 69-70 [1984, p. 94]).

A forma da amizade entre Blóssio e Graco pode ser interpretada como sediciosa, ou seja, perturbadora ou agitada devido à extrema obediência assegurada por Blóssio: obedecer até o fim. Essa expressão considera a ascendência com que ele usufrui na sua vontade como capacidade de escolha e decisão convicta. Além disso, aponta também o conhecimento e a segurança, frutos do amadurecimento da amizade, que possibilita a ultrapassar a barreira do temor dos cônsules romanos. O conhecimento provém da experiência autêntica da amizade. A segurança oriunda da certeza e da confiança em si mesmo a fim de perpetuar a sua estima por Graco. Por essa razão, a

amizade envolve segurança e certeza pautadas pela confiança recíproca.

Os que consideram essa resposta sediciosa não compreendem o ascendente que ele exercia sobre tal vontade, o conhecimento que dela tinha e a segurança do que podia ser. Não conseguem entender esse mistério: Graco e ele eram amigos e mais amigos do que cidadãos, e mais do que amigos ou inimigos de seu país (MONTAIGNE; I, 28, 1946, p. 70 [1984, p. 94]).

É notório observar que na relação entre Graco e Blóssio, tinha-se em primazia a amizade. Depois, os projetos subversivos e a ambição deles. Eles se deram inteiramente, porque suas ideias eram partilhadas por meio do diálogo, de modo a formar a comunhão ideal, que os une tenazmente. Percebe-se, de fato, a doação que eles exercem na sustentação da afeição, porque suas vontades, isto é, convicções, caminham juntas. Conforme Montaigne, Graco e Blóssio são guiados pela virtude e razão, sustentáculos da amizade, porque possibilitam a inserção social, a sociabilização harmônica, conforme sugere a expressão “lado a lado”.

Sua ambição, seus projetos subversivos vinham depois da amizade; tinham-se dado inteiramente um ao outro, suas vontades marchavam lado a lado. Imaginai-os guiados pela virtude e a razão – e não poderia ser de outro jeito – e convireis em que a resposta de Blóssio foi a que devia ser (MONTAIGNE; I, 28, 1946, p. 70 [1984, p. 94]).

Montaigne não põe em dúvida a vontade do amigo Blóssio, pois este assegura o domínio sobre a vontade. Se essa proeza convicta não fosse assinalada, Blóssio e Graco não seriam amigos, visto que impossibilitaria o nascimento da amizade, conforme aponta Montaigne:

Se tivessem divergido em suas ações, não teriam sido amigos um do outro, da maneira por que compreendo a amizade. Ademais, essa resposta não significa muito mais do que se eu afirmasse que, em me vindo a mim mesmo vontade de matar minha filha, eu o faria. Isso não quer dizer que semelhante ideia esteja nas minhas intenções, pois não duvido um só instante de meu domínio sobre a minha vontade, como não ponho em dúvida a deste meu amigo (MONTAIGNE; I, 28, 1946, p. 70 [1984, p. 94]).

Para o autor, nenhum argumento do mundo pode tirar a certeza de que ele tem perante a amizade entre Graco e Blóssio. O que acarreta essa convicção é a certeza das intenções e da maneira de pensar do amigo. As ações deles eram móveis, o que possibilita a conversa e a troca de ideias. “Todos os argumentos do mundo não me tirarão a certeza que tenho de suas intenções e de sua maneira de pensar. Nenhuma de suas ações poderia ser-me apresentada sem que de imediato lhe percebesse móvel”

(MONTAIGNE; I, 28, 1946, pp. 70-71 [1984, pp. 94-95]).

A definição de amizade dos antigos não serve como chave para compreender o caso entre Montaigne e La Boétie. Pelo contrário, é a partir de uma volta a si mesmo (a reflexão sobre o conhecimento que ele tem de sua própria vontade, e da de La Boétie) que esclarece o bem fundado da resposta de Caio.

De modo que, se por um lado a amizade entre Caio e Tibério espelha perfeitamente a identificação das vontades de Montaigne e La Boétie, por outro é só depois de um retorno sobre sua experiência que tal exemplo pode revelar-se em toda sua pertinência.

Ora, Montaigne parece evocar a imagem do amigo La Boétie, amizade como união e ardente afeição. União, pelo fato de que as almas caminham unidas, com o sentimento de ardente afeição, porque ela penetra e lê o interior deles. Por essa razão, um conhece ao outro e no caso do filósofo tem mais confiança em La Boétie do que nele mesmo. A confiança de Montaigne em La Boétie denota a segurança íntima e bom conceito que inspira nele no que concerne à figura do amigo como pessoa de talento e discrição.

Nossas almas caminharam tão completamente unidas, tomadas uma pela outra de tão ardente afeição, essa afeição que penetra e lê no fundo de nós mesmos, que não somente eu conhecia a sua como a minha, mas teria, nas questões de meu interesse pessoal, mais confiança nele do que em mim mesmo (MONTAIGNE; I, 28, pp. 70-71 [1984, pp. 94-95]).

Conforme Montaigne, as amizades comuns, que pertencem ao sétimo momento, não podem ser colocadas no mesmo plano: “Não se ponham nos mesmos planos as amizades comuns; conheço-as tão bem quanto qualquer outro e algumas das mais perfeitas no gênero, mas seria um erro confundir-lhes as regras” (MONTAIGNE; I, 28, p. 71 [1984, p. 95]). Ele as conhece tão bem e chega a considerar algumas delas como mais perfeitas no gênero, isto é, no estilo. No entanto, não se submetem ao mesmo nível da amizade da qual ele se refere, porque as regras das amizades comuns vão para outra direção: bem particular ou privado, utilitarismo, bem familiar; diferentemente da amizade defendida por ele como amor recíproco. Essa é a diferença básica da amizade, pois não nega a individualidade e sim aquilo que seja, de fato, privado.

Para Montaigne, o caminho nas amizades comuns implica segurar as rédeas, caso contrário, pode levar à tirania e à licenciosidade, fins contraditórios ao sentido da amizade, porque realçam o fechamento em si mesmo e o esquecimento do outro. Por

isso, não é possível a fusão e sim uma mera troca de sentimentos superficiais. Aliás, nesse caminho se faz mister também caminhar com prudência. Essa virtude considera aquele que age com comedimento, cautela e precaução, que busca evitar tudo que julga fonte de erro ou de dano. O nó da união, a saber, do laço que proporciona o vínculo entre os participantes dessas amizades comuns se torna frágil, pois não tem constância e tampouco a plena união, da qual um se une ao outro, a tal ponto de se perderem.

Montaigne cita uma célebre passagem da obra de Cícero, em que se narra um pensamento de Quílon a respeito de amar como se pudesse vir a odiar. Amar e odiar são sentimentos extremos: o primeiro faz com que o indivíduo se una ao outro até se fundirem numa coisa só; o segundo, ao contrário, conduz ao ódio, à aversão ao outro, que pode ser até mesmo recíproco, como no caso de inimigos. Tais sentimentos extremos são o que, de fato, compõem a vida. Uma vida marcada pela insegurança e incerteza, mas que não deixa Montaigne cair num repouso e sim no exercício de se conhecer constantemente.

Nessas outras amizades há sempre que segurar as rédeas e caminhar com prudência; o nó da união não é tal solidez que não se deva desconfiar dele. ‘Amái’, dizia Quílon, “como se tivésseis um dia que odiar, odiai como se tivésseis de amar” (CICÉRON, *De Amicitia*, XVI *apud* MONTAIGNE; I, 28, 1946, p. 71 [1984, p. 95]).

Nota-se, em Montaigne, que o autoconhecimento acontece pela via da cautela e da prudência. Assim, o autor entra em paralelo com Cícero, que diz ser imprescindível o cuidado na escolha dos amigos, para que não se ame alguém que se deva odiar mais tarde e ter uma escolha infeliz (Cf. CICÉRON, 1964, p. 150-152 [1952, p. 50-52]. Entre colchetes o texto latino).

De acordo com Montaigne, essas amizades verificáveis no cotidiano da existência servem como advertência à pessoa que deseja formar a amizade soberana e mestra. Soberana, porque não há outra que lhe seja superior, pois abriga nela a virtude do amor. Mestre, visto que serve de base ou de guia para o nascimento da amizade em que um ensina ao outro e também aprende. Esses elementos: ensinar e aprender são fundamentais à formação da amizade, que possui o homem por inteiro, de modo que não tenha mais espaço para aquilo que seja privado.

Nesse sentido, um pertence ao outro. Montaigne menciona ainda que o amigo é uma coisa que não existe, ou seja, não tem existência real e sim é ideal, pelo fato de que a amizade reúne toda a perfeição concebível: o amor, que é a afeição da mais alta

aspiração do homem. O intérprete Regosin atribui à relação entre Montaigne e La Boétie a possibilidade de amizade ideal ou literária: “a amizade descrita possivelmente deriva mais dos livros do que da experiência atual” (REGOSIN, 1977, p. 9. Tradução do texto inglês). Assim, os ensaios são recordações da literatura latina e grega.

Nota-se, em Montaigne, que o foco da amizade é o indivíduo e a ausência daquilo que seja privado. A privacidade, por sua vez, tem uma função desumanizadora, pois torna a pessoa tirânica e egoísta, fechada aos relacionamentos. A individualidade permite o contato com o outro, em busca de sua plena humanidade, por intermédio da inteira união das almas.

Este princípio, abominável no caso de uma amizade [soberana e mestra] exclusiva que nos possua por inteiro, é salutar quando se trata dessas amizades verificáveis no curso habitual da existência e às quais se aplicam estas palavras de Aristóteles: “Ó meus amigos, um amigo é coisa que não existe” (Diògene Laërce, *vie d’Aristote*, V. 21 *apud* MONTAIGNE; I, 28, 1946, p. 71 [1984, p. 95]).

Assim, ao ter em vista os dados analisados, nota-se que a amizade se desenvolve com a doação. Disso decorre a virtude e a razão como elementos indispensáveis a fim de que a amizade seja um sentimento ardoroso, pois o que há em comum entre elas é a obediência e a confiança. As amizades comuns não têm a mesma finalidade e são diferentes da amizade proposta por Montaigne. Elas apenas promovem um prazer efêmero e uma união pouco sólida. Já a amizade ilustrada pelo pensador é soberana e mestra, de forma que desperta no indivíduo a união por completo, para possuir e apossar as almas por inteiro.

3. A indivisibilidade da amizade

Segundo Montaigne, a amizade se reveste de nobre sentimento. As vontades se fundem intimamente, de forma que flui uma só vontade. Por essa razão, a amizade difere das outras amizades comuns que se revestem dos serviços e favores, pois as vontades não se unem, porque não há uma entrega total e recíproca. “Entre amigos, unidos por esse nobre sentimento, os serviços e favores, elementos essenciais às outras amizades, não entram em linha de conta e isso porque as vontades intimamente fundidas são uma só vontade” (MONTAIGNE; I, 28, 1946, p. 71 [1984, p. 95]).

Montaigne confessa que a afeição por si mesma não amplia o “eu”, porque não dá o espaço ao outro. Agora, quando surge o outro, este permite a ampliação do “eu”,

uma vez que há duas vontades. Ao ter em vista o diálogo, o serviço prestado a “outrem” se torna também do “eu”, de modo a ocasionar a ampliação das vontades numa só. Agora, para os estoicos, diferentemente de Montaigne, é possível a ampliação de si mesmo.

No ponto referente à ampliação de si mesmo, o pensador se diferencia dos estoicos e parece mais ser epicurista pelo fato de que para o conhecimento do próprio interior é necessário o outro, que aponta com mais precisão a subjetividade do amigo. A sensibilidade pelo sentimento de alteridade é um elemento tipicamente epicurista. “Assim como a afeição que tenho por mim não se amplia com um serviço que preste a mim mesmo (embora os estoicos afirmem o contrário)” (MONTAIGNE; I, 28, 1946, p. 71 [1984, p. 95]).

Conforme Montaigne, a união entre amigos conduz à perfeição. Assim, perde-se o conceito do “dever”, uma vez que este leva a ter obrigação com alguém em busca do favor, do reconhecimento, do pedido e do agradecimento. Na amizade, isso já não é mais possível, pois as vontades se encontram fundidas. Uma vez que haja o desejo recíproco da amizade, as vontades se unem no desejo de tomar consciência daquilo que compreende o outro. Uma compreensão marcada pelo diálogo, que promove a identificação de valores e gostos. Assim, as ações a serem executadas não são realizadas por um mero dever, mas são motivadas pelo bem que se deseja ao outro, um bem de ajudá-lo na sua plena realização como humano. Uma realização igualitária e, principalmente justa.

assim como não sou grato a mim mesmo do serviço prestado por mim mesmo, assim também a união de tais amigos atinge tal perfeição que os leva a perder a ideia de se deverem alguma coisa, e odiar e rechaçar todas essas palavras que tendem a estabelecer uma divisão ou diferença, como o favor, obrigação, reconhecimento, pedido, agradecimento e outras (MONTAIGNE; I, 28, 1946, pp. 71-72 [1984, p. 95]).

Além do mais, Montaigne explicita que na amizade tudo é comum, desde a vontade até a forma de ver a vida. O objetivo é o mesmo: ser apenas uma alma em dois corpos, que lembra e alude o pensamento aristotélico.

Por esse motivo, na amizade, os amigos nada podem pedir ou dar, pois eles são uma só alma. Aqui, apresenta-se a união das almas num só corpo, conforme se vê em Aristóteles. Uma união, na qual se perde o privado, mas não se perde a individualidade. Esta é reconhecida pelo exercício da descoberta de si mesmo no outro. Uma descoberta incessante, que vai além da morte, porque o escrito torna eternas as experiências de

Montaigne. O escrito faz com que se mantenha viva a experiência, a fim de que ela não caia no esquecimento.

Efetivamente, em tudo lhes sendo comum, vontade, pensamento, maneiras de ver, bens, mulheres, filhos, honra e até a vida, e em procurando ser apenas uma alma em dois corpos, na expressão muito certa de Aristóteles, [entre amigos] nada se podem pedir ou dar (Diogène Laërce, *Vie d'Aristote*, V, 20 *apud* MONTAIGNE; I, 28, 1946, p. 72 [1984, p. 95]).

A amizade entre Eudâmidas e seus companheiros pode ser avaliada como perfeita e indivisível: “Este exemplo seria perfeito sem o número de amigos, pois essa perfeita amizade é indivisível” (MONTAIGNE; I, 28, 1946, p. 74 [1984, p. 95]).

Eis a amizade inerente à indivisibilidade. A amizade é plena e inteira como a vida dos selvagens, que não encontra uma descrição à altura, mesmo segundo Montaigne, cada integrante da amizade se entrega totalmente ao outro, de modo que não há nada do qual possa dividi-la. Por conseguinte, os integrantes se lamentam por não ser ou duplo, ou triplo e, especialmente por não ter diversas almas a fim de entregá-las numa doação e fusão mútua: “Cada qual se entrega tão inteiramente ao outro que nada resta por dividir. Ao contrário, lamenta não ser duplo ou triplo ou múltiplo e não ter várias almas para as entregar todas ao mesmo (MONTAIGNE; I, 28, 1946, p. 74 [1984, p. 95]).

Para Montaigne, uma das principais considerações a respeito das amizades comuns é que elas são divisíveis. Desse modo, aprecia-se a beleza num determinado amigo, enquanto aprecia o bom gênio noutro. Há ainda aquele que aprecia a liberalidade, noutro a postura paternal e acrescenta inclusive a afeição fraternal. “As amizades comuns podem dividir-se: pode-se apreciar a beleza em certo amigo, e noutro o bom gênio. Num a liberalidade, noutro o modo por que se conduz como pai, e em outro ainda sua afeição fraternal, etc” (MONTAIGNE; I, 28, 1946, p. 74 [1984, p. 95]).

Conforme Montaigne, a amizade enche a alma e a domina. Por essa razão, não pode se subdividir. Quando se encontra um amigo único, ele encontra na vida um lugar preponderante, do qual o homem está desobrigado de tudo, pois a amizade não é imposta.

Mas essa amizade que nos enche a alma e a domina não pode subdividir-se. Se temos dois amigos e ambos ao mesmo tempo pedem socorro, a quem acudiremos? Se solicitam favores antagônicos, a qual deles atenderemos? Se um nos exige silêncio acerca de alguma coisa que interessa ao outro, que faremos? Com um amigo único que ocupe em nossa vida lugar preponderante estamos desobrigados de tudo (MONTAIGNE; I, 28, 1946, p. 74 [1984, p.

95]).

O autor conta o segredo que não comunica a ninguém ao seu próprio “eu” que atua como outro. A comunicação do segredo a si mesmo acontece devido, provavelmente, à morte de La Boétie, de modo que escrever adquire a forma do outro. Além do mais, escrever se torna a capacidade de autoanálise sobre o que o compreende como homem. Essa atitude pode ser vista como milagre desde que se dobre assim na tentativa de decifrar o “eu”. Aqueles que se preocupam demasiadamente com o ato de triplicar, não dão conta da grandeza. Além do mais, na roda de amigos tudo é partilhado, de forma que nada que possui seu semelhante é extremo, pois todos têm as coisas em comum.

O segredo que jurei não comunicar a ninguém, posso, sem ser perjuro, comunicá-lo a quem não é outro senão eu mesmo. Já é grande milagre dobrar-se assim. Os que falam de triplicar-se não lhe percebem a grandeza. Nada que possui seu semelhante é extremo (MONTAIGNE; I, 28, 1946, p. 74 [1984, p. 95]).

Conforme Montaigne, a amizade é como coisa única e homogênea. Acrescenta-se que ela é difícil de ser encontrada no mundo talvez por ser do mais alto ponto de perfeição. Ser única indica que a amizade é exclusiva, de sorte que a homogeneidade sugere que as almas estão estreitamente ligadas. Com isso, forma-se única natureza, a saber, uma só vontade em vista da virtude da amizade.

Quem supõe que, tendo dois amigos ama tanto um quanto o outro, e tanto quanto se amam entre si e quanto o amam igualmente, imagina ser possível multiplicar e transformar em confraria essa coisa única e homogênea tão difícil de encontrar no mundo (MONTAIGNE; I, 28, 1946, p. 74 [1984, p. 95]).

Na narração do corintiano Eudâmidas, que Montaigne emprega, o amigo faz um favor de que o faça ser um testemunho de amizades. Concede generosamente os meios que fornece para lhe ser útil. A afeição dedicada é bem mais relevante que a de Areteu.

A história de Eudâmidas o confirma: emprega seus amigos segundo suas necessidades e com isso lhes outorga um favor que testemunha sua amizade para com eles; dá-lhes generosamente os meios de lhe serem úteis e a afeição que lhes dedica é muito maior ainda que a de Areteu (MONTAIGNE; I, 28, 1946, p. 74 [1984, p. 95-96]).

Diante disso, pode-se dizer que na amizade se forma uma só vontade, porque

tudo é comum entre os amigos. A união das vontades permite a comunhão, pois um reparte com o outro seus princípios, bem como suas experiências. Desse modo, ao vivenciar a condição de repartir não há mais o espaço para o dever, uma vez que tudo é partilhado. A amizade se define, portanto, como gesto de partilha, na qual tudo é colocado em comum a serviço do bem do grupo. Tal gesto não é imposto e sim fruto de uma escolha livre. Escolha esta que é espontânea e natural, motivada pelo desejo de conhecer o homem e a amizade.

O conjunto de pensamentos e de concepções acerca da vida é o mesmo para ambos, pois são uma só alma em dois corpos. Ela é indivisível quando ocorre a entrega inteira ao outro, visto que a amizade enche a alma e a domina. Assim, o amigo ocupa um lugar preponderante na vida dos amigos. No caso de Eudâmidas é o testamento para se manter vivo na alma de seus amigos Areteu e Charixênio. O amigo fornece generosamente os meios e a afeição, de forma a garantir a amizade como homogênea.

Conclusão

Encontram-se, nessa breve reflexão, várias características acerca da amizade. Constata-se que a amizade agrega a equidade e estima, desde que a considere uma afeição espontânea, que tem como objetivo a reciprocidade em vista da comunhão indivisível. Ela exalta inclusive a importância do outro, uma vez que denota a estima como apreço a alguém que seja querido. Assim, a plena realização dela acontece no auge da maturidade em que o conhecimento recíproco, adquirido por meio da entrega que um faz ao outro mediante as regras estabelecidas, atinge a sua irradiação total.

Além disso, a amizade promove o entrosamento das almas, une-as e confunde-as, posto que elas mergulham uma na outra. Perde-se a linha de demarcação e urge o constante movimento das almas. Um movimento que marca a vida de Montaigne, especialmente com a morte de La Boétie. Outro elemento dela é amar com ternura. Esta compreende o ato de agir com docilidade e afetuosidade. Assim, a amizade é um afeto de total entrega ao outro, de modo que ocorra a fusão das almas pelo princípio da *isótes*, amar equitativamente. A equidade conduz a pessoa ao amor indivisível, porque as vontades se unem com o mesmo objetivo: amor incomensurável.

Percebe-se ainda que a amizade é uma força inexplicável. Não se sabem os meios que a impelem, mas o que se pode dizer é que ela apodera as vontades, de modo a uni-las e perder a noção daquilo que seja particular. Ganham-se, com isso, a *koinonía*,

comunhão e a fusão das almas, que desenvolvem a amizade. Ela se desenvolve, inclusive, com a doação. Disso decorre a virtude e a razão como elementos indispensáveis a fim de que a amizade seja vivenciada como um sentimento ardoroso, pois o que há em comum entre elas são a atenção e a confiança.

Pode-se considerar também que a amizade é soberana e mestra, de forma que desperta no indivíduo a união por completo, para possuir e apossar as almas por inteiro. Tal união se realiza como um ideal para garantir a experiência constante da amizade como maior virtude a ser conquistada. Aliás, nela se forma ou se tece uma só vontade, porque tudo é comum entre os amigos. Desse modo, não há mais o espaço à imposição, uma vez que tudo é partilhado. A partilha tece os laços da afeição e estreitam as almas, de sorte que se unem reciprocamente. O conjunto de pensamentos e de concepções acerca da vida é o mesmo para ambos, pois eles são uma só alma em dois corpos. A ausência da imposição e da servidão faz com que se tenha uma alma, que domina dois corpos.

Nota-se em Montaigne que a alma prevalece sobre o corpo. Na alma se encontra o desejo de se unir ao outro para que encontre sua plena realização. Contudo, o autor vai além dos estoicos, porque se vê certa descontinuidade entre a alma e o corpo, sobretudo, com os acontecimentos de sua vida, tais como a morte do pai e do amigo. Nessa descontinuidade entre alma e corpo, o autor faz o exercício da *epoché*, suspensão do juízo. Refletir significa um retorno aos acontecimentos e experiências marcantes, que não podem ser apagados da memória de Montaigne. Escrever representa deixar viva na história sua experiência de vida, marcada pelos sentimentos de dor e de alegria. Além do mais, significa ainda presentificar a amizade, de maneira que a entrega ao outro é assinalada pelos ensaios para não se perder a parte que ainda resta da imagem de La Boétie.

Na amizade se unem as vontades, porque ambos buscam a mesma finalidade: o bem ao outro numa fusão verdadeiramente perfeita. Assim, forma-se uma amizade indivisível. Por essa razão, não é possível uma multiplicidade de amigos, conforme aponta Sérgio Cardoso: “Se o amigo deseja o que seu amigo deseja, se é tão seguro da vontade do amigo como da sua própria, a hipótese da multiplicidade dos amigos compromete a unidade da própria vontade, justamente a grande dádiva da amizade” (CARDOSO, 1987, p. 184).

Enfim, vale dizer que o princípio da unidade da vontade é a virtude e o Bem. Através destas, aquele que deseja se tornar sábio deseja vivê-las pela sua própria vida.

Segundo Sérgio Cardoso, “desejando, pois, pela sua virtude, a própria vida, e fazendo-se a vida do amigo, igualmente pela virtude, semelhante à sua, o sábio a deseja também. Os amigos se aproximam, portanto, através da unidade da virtude e do Bem” (CARDOSO, 1987, p. 186).

Referências

MONTAIGNE, M. *Essais*. Paris: Les Belles Lettres, 1946.

_____. *Os ensaios*. Tradução Sérgio Milliet. São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Os PENSADORES).

ARISTOTE. *Éthique de Nicomaque*. Paris: Garnier Frères, 1940.

_____. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: EDIPRO, 2007.

BIRCHAL, T. *Montaigne e seus duplos: elementos para uma história da subjetividade*. 2000. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

CARDOSO, S. [et al.]. *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 159-194.

CICÉRON. *L'amitié*. Paris: Les Belles Lettres, 1952.

_____. *Da velhice e da amizade*. São Paulo: Cultrix, 1964.

LA BOÉTIE, E. *Discurso da servidão voluntária*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.

REGOSIN, R. *The matter of my book Montaigne's: essays as the book of the self*. Londres: University of California Press, 1977.

SANTOS, L. Montaigne e a desconstrução da retórica antropológica dos humanistas e filósofos. In: _____. *O espírito da letra: ensaios de hermenêutica da modernidade*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2007. pp. 81-92.

Artigo recebido em 19 09 2010

Artigo aprovado em 01 10 2010